

RUA PADRE BARTOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO

Decreto nº 6937 de 05-02-1982

Protocolado nº 36.022 de 27-11-1981 em nome do vereador

Alcindo Ferreira da Silva

Formada pela rua 122 do Jardim Chapadão - continuação

Início na rua Nello Sodini

Término na rua Maria Soldado

Jardim Chapadão

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal Dr. Francisco Amaral.

PADRE BARTOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO

Bartolomeu Lourenço de Gusmão nasceu em Santos, SP, em 1685, e faleceu em Toledo, Espanha, a 18-11-1724. Adotou o nome de Gusmão em gratidão a seu benfeitor o padre Alexandre de Gusmão. Bartolomeu viajou para Coimbra aos 15 anos a fim de estudar Cânones; licenciou-se pela Universidade e se ordenou sacerdote. Dedicou-se ao estudo da Física e da Matemática e chamou a atenção como pregador. Nomeado por João V, rei de Portugal, capelão fidalgo da Casa Real, interessou o rei nos projetos de uma máquina de voar. Bartolomeu de Gusmão foi o primeiro a construir um aerostato e a elevar-se na atmosfera, experiência que realizou 73 anos antes da célebre prova dos irmãos Montgolfier. A tentativa realizou-se em Lisboa, no pátio da Casa da Índia, a 05-08-1709, em presença do rei, dos grandes da corte, e resultou em fracasso, pois o balonete incendiou-se e não se elevou do solo. Na segunda tentativa, efetuada em 08-08, subiu a cerca de quatro metros e meio, chocando-se com as cortinas do palácio, incendiando-as. Na terceira experiência, realizada em outubro do mesmo ano, o balão subiu, chocou-se com a parede, incendiando-se uma vez mais. Entretanto as experiências grangearam-lhe grande popularidade, o povo cognominou-o "O Voador" e ao aparelho "Passarola". Isto foi o suficiente para a Inquisição passar a olhá-lo como feiticeiro. O rei nomeou-o professor de matemática da Universidade de Coimbra e fê-lo sócio da Academia Real de História Portuguesa. Em 1711, foi encarregado de uma missão em Roma e ao regressar recebeu um cargo na Secretaria dos Estrangeiros. Caindo, porém, no desfavor real, o Santo Ofício fê-lo prender, mas Gusmão conseguiu fugir para a Espanha. Deixou Bartolomeu de Gusmão obra imensa, incluindo o célebre "Sermão Preparado na Festa do Corpo de Deus", datado de 1721.

RUA PADRE BARTOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO

DECRETO N.o. 6937 DE 05 DE FEVEREIRO DE 1982.

DENOMINA PADRE BARTOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO UMA VIA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto - Lei Complementar Estadual N.o. 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios), e

CONSIDERANDO que o artigo 8o. do Decreto N.o. 3476, de 11 de setembro de 1969, com a redação que lhe foi dada pelo Decreto N.o. 5690, de 14 de maio de 1979, concede ao Executivo a prerrogativa de denominar próprios, vias e logradouros públicos, independentemente de manifestação da Comissão criada para opinar sobre a matéria, desde que haja indicação de vereadores integrantes da Câmara Municipal;

CONSIDERANDO existir indicação nos termos do referido diploma legal;

CONSIDERANDO que aos membros do Legislativo cabe a honrosa tarefa de colaborar com o Executivo na indicação de nomes de próprios, vias e logradouros públicos e que o seu judicioso critério de escolha é acatado pelo Executivo sem restrições,

DECRETA:

Artigo 1o. - Fica denominada RUA PADRE BARTOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO a Rua 122 do Jardim Chapadão - Continuação, com início na Rua Nello Sodini e término na Rua 125 do mesmo loteamento.

Artigo 2o. - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

PAÇO MUNICIPAL, 05 de Fevereiro de 1982.

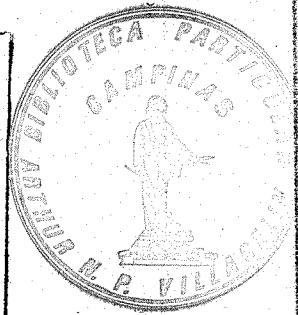
DR. FRANCISCO AMARAL
Prefeito Municipal

DR. CARLOS SOARES JÚNIOR
Secretário dos Negócios Jurídicos

ENGO. JURANDYR POMPEO CAMPOS FREIRE
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico - Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do Protocolado N.o. 36.022, de 27 de novembro de 1981, por indicação do Vereador Alcindo Ferreira da Silva e Outros e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 05 de Fevereiro de 1982.

DR. RUY DE ALMEIDA BARBOSA
Secretário - Chefe do Gabinete do Prefeito



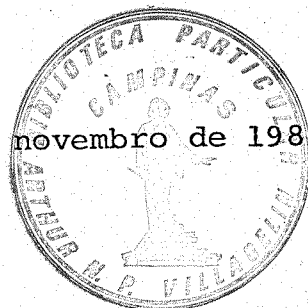
C.O.A.R.



Câmara Municipal de Campinas

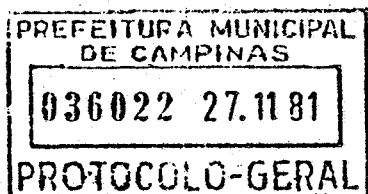
Estado de São Paulo

Campinas, 25 de novembro de 1981



C.O.A.R.

EXMO. SR.
DR. FRANCISCO AMARAL
DD. PREFEITO MUNICIPAL DE
CAMPINAS



Nos termos do artigo 2º do Decreto nº 5.690, de 14 de maio de 1979, apresentamos o nome de PADRE BARTOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO para ser denominada uma via pública de nossa cidade.

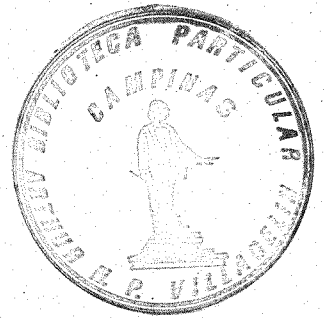
Sugerimos seja assim denominada uma rua do Jardim Chapadão.

Em anexo, a devida justificativa.

Alcindo
ALCINDO FERREIRA DA SILVA *cartra*
VEREADOR

Jose...
Renato...
Francis...
Camilla...
Maria...
Luiz...
Antonio...
Adilson...
...

RUA PADRE BARTOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO



BARTOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO

Sacerdote e inventor brasileiro, nasceu em Santos, Estado de São Paulo, em 1685. Faleceu em Toledo, Espanha, em 18 de novembro de 1724. Era irmão do estadista e diplomata Alexandre de Gusmão. Seu nome de família, seria restrito ao Lourenço; todavia, livremente escolheu outro sobrenome, pelo qual era conhecido e oficialmente citado em documentos: Gusmão. Essa escolha representou uma homenagem de gratidão a seu benfeitor, o padre Alexandre de Gusmão, grande amigo de seu pai.

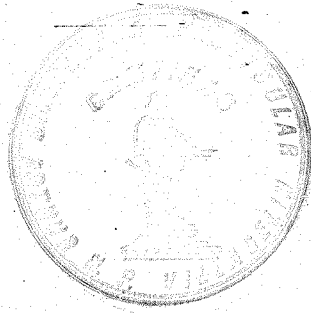
Bartolomeu de Gusmão viajou para Coimbra aos quinze anos, a fim de estudar Cânones; licenciou-se pela Universidade e se ordenou sacerdote. Dedicou-se ao estudo da Física e da Matemática e chamou a atenção como pregador. Nomeado por João V, rei de Portugal, capelão fidalgo da Casa Real, interessou o Rei nos projetos de uma máquina de voar.

Bartolomeu de Gusmão foi o primeiro a construir um aerostáto e a elevar-se na atmosfera, experiência que realizou 73 anos ^{antes} da célebre prova dos irmãos Montgolfire. A tentativa realizou-se em Lisboa, no pátio da Casa da Índia, a 5 de agosto de 1709, em presença do Rei, dos grandes da corte, e resultou em completo fracasso, pois o balonete incendiou-se, e não se elevou do solo. Na segunda tentativa, efetuada em 8 de agosto, subiu a uma altura de cerca de quatro metros e meio, indo chocar-se de encontro às cortinas do palácio, incendiando-as, o que provocou a intervenção dos criados, que armados de vara-pau, abateram o aerostato; na terceira experiência, realizada em outubro do mesmo ano, o balão subiu novamente, mas chocou-se com uma parede ou cimalha, incendiando-se mais uma vez.

Entretanto, as experiências grangearam-lhe grande popularidade; o povo cognominou-o "O Voador", e ao aparelho "Passarola". Isto foi o suficiente para a Inquisição passar a olhá-lo como feiticeiro.

Bartolomeu Lourenço de Gusmão

Fls. 2



O Rei nomeou-o professor de matemática na Universidade de Coimbra e fê-lo sócio da Academia Real de Historia Portuguesa. Em 1711, encarregou-o de uma missão em Roma, e ao regressar recebeu um cargo na Secretaria dos Estrangeiros. Caindo, porém, no desfavor real, o Santo Offício fê-lo prender, mas Gusmão conseguiu fugir para a Espanha.

Deixou obra numerosa: "Petição do Padre Bartolomeu de Gusmão sôbre e Instrumento que Inventou para Andar pelo Ar e suas Utilidades", 1709; "Descrição de Novo Invento Aerostático ou Máquina Volante, do Mérito de Produzir o gás ou Vapor que Esta se Enche e Vários Modos de Esgotar, sem Gente, os Navios que Fazem Água", 1721; diversos sermões, entre os quais o celebrado "Sermão Preparado na Festa do Corpo de Deus", 1721; "Conta de Uns Estudos Acadêmicos", etc.



Na relação dos nomes de ruas de Campinas, vimos de observar não haver nossa cidade, prestado justa homenagem a um dos pioneiros da aviação, o famoso padre voador, Bartolomeu Lourenço de Gusmão.

A epopéia desse ilustre paulista, há mais de 250 anos, foi, como não poderia deixar de ser, um acontecimento marcante, provocando enorme curiosidade popular.

A experiência com a máquina voadora por Bartolomeu de Gusmão, em Lisboa, fez o rei João V, do império português, assim qualificar o acontecimento: "importantíssimo, mais do que todos os outros", segundo o historiador Afonso de E. Taunay.

Acreditamos, que dando o nome desse ilustre inventor brasileiro a uma de suas vias públicas, estará Campinas, cumprindo com um dever para os grandes nomes de nossa Pátria, bem assim, e o que é importante, prestando uma homenagem ao precursor da mais audaciosa conquista de toda a humanidade, e quem por certo, serviu de exemplo para Alberto Santos Dumont.

ed. 1917

SEGREDOS E REVELAÇÕES DA HISTÓRIA DO BRASIL



VIDA, PAIXÃO E MORTE DO

SEGUNDO PADRE VOADOR

GUSTAVO BARROSO

TEVE o Brasil dois Padres Voadores. O primeiro foi o jesuíta Leonardo Nunes, vindo com Tomé de Sousa, alcunhado Abarebé ou Padre Voador pelos silvícolas, devido à rapidez com que se locomovia na obra de catequese e ao inopinado de suas aparições no meio das tabas.

Foi o Visconde de S. Leopoldo o primeiro historiador a se ocupar do segundo Padre Voador, o inventor do aeróstato. em seu trabalho "Da vida e feitos de Alexandre de Gusmão e de Bartolomeu de Gusmão", na primeira metade do século passado. Quase um século depois, surgia o segundo historiador dessa figura insigne, cujos estudos abalizados o poriam no pedestal condigno em que deve figurar na história da conquista do ar, prólogo da conquista do espaço, Afonso d'Escragnolle Taunay. Entre esses dois autores, há notícias várias, sem maior força ou expressão, e correu mundo a figura da Passarola, mera invenção, até certo ponto caricatural, do invento famoso.

Bartolomeu Lourenço de Gusmão, clérigo secular, nasceu em 1685, na então vila de Santos, tendo vários irmãos e irmãs, que, na maioria, seguiram a carreira eclesiástica. Entre eles, Alexandre de Gusmão, dez anos mais moço, que, como auxiliar de governo do Rei D. João V, teve grande influência na demarcação das fronteiras do Brasil. Aluno dos jesuítas em Santos e na Bahia, ali deu na vista, inventando um aparelho para fazer subir água para o seminário e outro, composto por uma roda de pás, que, movido por um só homem, impelia uma embarcação. Desta última descoberta pediu e obteve privilégio extensivo a todo o Estado do Brasil, em 1709.

Nessa data, já se não achava mais deste lado do mar, pois a "Gazeta" de Lisboa, de 1701, noticiava: "... ter chegado a Lisboa um moço prodígio, natural de Santos, desembarcado de uma das naus da última frota, e dotado de tantos talentos e de memória tão assombrosa, que se propunha, contando apenas 15 para 16 anos, recitar de cor Vergílio, Horácio, Ovídio, Quinto Cúrcio, Salústio e Sêneca, e de diante para trás declarar o nome dos autores de todos os versos antigos que lhe fossem apresentados, glosar todas as poesias que lhe propusessem, explicar a obra de Aristóteles, versar qualquer ponto de filosofia, responder a todas as dúvidas da Sagrada Escritura, repetir de cor, para baixo e para cima, os Evangelhos dos quatro evangelistas, as Epístolas de S. Pedro e S. Jerônimo, os livros dos Salmos, dos Cantares e do Exodo, e declarar sem hesitação quantos anos de vida teve cada um dos profetas." Excusez du peu... Os elogios ao saber do futuro padre foram muitos e os mais rasgados, de José Soares da Silva, de João Batista de Castro e de outras notabilidades da época.

Durante algum tempo apagou-se no silêncio, até que veio ao Brasil, onde se ordenou e visitou a família. Segundo uns versos de Tomás Pinto Brandão, parece que por aqui iniciou os seus trabalhos de aerostação, pois dizem os mesmos:

Os seus vãos na Bahia
Alguns princípios tiveram
Que por isso o não quiseram
Os padres da Companhia.

Em 1709, sabemos, com certeza, que se acha de novo em Lisboa, hospedado em casa do Marquês de Fontes. Com o apolo

dêste fidalgo, dirigiu a D. João V a sua Petição de Privilégio, considerada por Domingos de Barros a primeira página da aeronáutica, arquivada até hoje na Torre do Tombo. Diz nesse documento "ter descoberto um instrumento para andar pelo ar da mesma sorte que pela terra e pelo mar, com muito mais brevidade." Servirá para se descobrirem "as regiões mais vizinhas dos pólos do mundo", devendo seu uso se limitar a uma só pessoa para evitar abusos e crimes. D. João V, "para o suplicante se aplicar ao novo instrumento", fêz-lhe mercê da primeira dignidade a vagar nas colegiadas de Barcelos ou Santarém e de lente de matemática na Universidade de Coimbra. E por alvará especial lhe deu o privilégio pedido.

A notícia do invento causou sensação. Estrangeiros e diplomatas, então, em Lisboa, a isso se reportam na sua correspondência. Várias publicações européias se referiram ao inventor. Tudo leva a crer que a aeronave de Gusmão era esférica, de material leve, papel encorpado, por exemplo, ascendendo pelo emprêgo do ar aquecido. O aviso do Núncio Apostólico ao Papa diz corpo esférico de pouco peso. O manuscrito do contemporâneo Salvador António Ferreira declara: um globo de papel grosso. O historiador Francisco Leitão Ferreira, também contemporâneo, escreve: "Fêz a experiência em 8 de agosto de 1709, no pátio da Casa da Índia, diante de Sua Magestade e muita fidalguia e gente, com um globo, que subiu suavemente à altura da Sala das Embaixadas, e do mesmo modo desceu, elevado de certo material, que ardia, e a que applicava o fogo o mesmo inventor". São muitas as testemunhas do feito. A Princesa Elisabeth de Brunswick escrevia a 10 de agosto de 1709 à sua mãe, a Duquesa de Oettingen, que vira o navio voador de Gusmão se elevar triunfante nos ares. Bernardo Simões Pessoa, cônsul em Marrocos, assistiu a uma dessas experiências. Parece que houve três: a 3 de agosto de 1709, na Sala das Audiências, quando o balão se queimou; a 5, na Sala dos Embaixadores, quando subiu 20 palmos, até o teto; e a 8, no pátio da Casa da Índia, no castelo de S. Jorge, de onde o globo se elevou e foi cair no terreiro do Paço. É mais do que certo que o padre não subiu nesse balão, cujas dimensões não permitiriam elevar-se com o peso dum homem.

Alcunhado o Voador e tido e havido como mágico, o Padre Bartolomeu Lourenço fugiu às garras da Inquisição de Lisboa, refugiando-se na Espanha, em setembro de 1724. Ali veio a falecer em extrema pobreza, na cidade de Toledo, a 19 de novembro seguinte, conforme consta da partida de defuncão da Igreja de S. Romão. Morreu cristãmente, tendo confessado e comungado. A irmandade dos clérigos de S. Pedro pagou 30 reais por sua sepultura. Tinha 38 anos somente, mas se consumira em desgostos e aflições. Tinham-no acusado junto a Santa Sé de ter pacto com o diabo. A Real Academia Portuguesa, considerava que se ausentara de Lisboa sem licença, a 22 de dezembro de 1724, e preenchia a sua cadeira vaga em janeiro do ano seguinte. Depois, vieram os corvos da sua memória, tachando-o de charlatão. Custou muito fazer-se justiça ao inventor brasileiro. Bem diz D. João Montalvo que quem queira subir a escada da glória não se deve esquecer de que o infatigável monta guarda aos degraus.



BARTOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO

Bartolomeu Lourenço de Gusmão
(1685-1724) sacerdote e inventor.



Paulista, da cidade de Santos, Bartolomeu Lourenço de Gusmão nasceu no ano de 1685. Ordenou-se sacerdote em Coimbra, cidade que o recebeu aos 15 anos de idade. Ocupando o cargo de capelão fidalgo da corte, soube do interesse do rei por um projeto de uma máquina de voar. Empenhado em realizar o desejo do soberano, Bartolomeu de Gusmão construiu o aerostato que elevou-se na atmosfera, a 5 de agosto de 1709, na cidade de Lisboa.

Outras duas tentativas foram realizadas em 8 de agosto e em outubro de 1709. Em ambas os balões incendiaram-se não conseguindo subir além dos cinco metros.

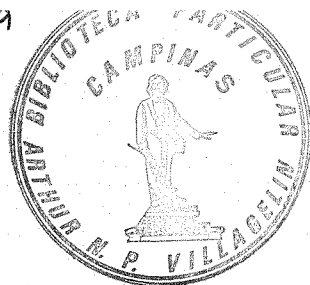
O mérito de Bartolomeu de Gusmão está no fato de ter realizado essas experiências 73 anos antes da prova dos irmãos Montgolfier.

Ficou conhecido popularmente como "O Padre Voador" e seu aparelho "Passarola", mas foi considerado feiticeiro pela Inquisição, que não o via com bons olhos.

Deixou muitas obras relacionadas com suas experiências e alguns sermões. Foi também professor de matemática na Universidade de Coimbra e Sócio da Real Academia de História Portuguesa. Fugiu para a Espanha, para escapar ao Santo Ofício que lhe havia dado ordem de prisão.

Morreu no dia 18 de novembro de 1724, na Espanha.

(Extraído de "99 Biografias de Brasileiros Notáveis" de autoria de Sebastião ACassio Luiz, edições "Edij" S.Paulo, 1978)



SEGREDOS E REVELAÇÕES DA HISTÓRIA DO BRASIL

VIDA, PAIXÃO E MORTE DO

GUSTAVO BARROSO

SEGUNDO PADRE VOADOR

TEVE o Brasil dois Padres Voadores. O primeiro foi o jesuíta Leonardo Nunes, vindo com Tomé de Sousa, alcunhado Abarebé ou Padre Voador pelos silvícolas, devido à rapidez com que se locomovia na obra de catequese e ao inopinado de suas aparições no meio das tabas.

Foi o Visconde de S. Leopoldo o primeiro historiador a se ocupar do segundo Padre Voador, o inventor do aeróstato, em seu trabalho "Da vida e feitos de Alexandre de Gusmão e de Bartolomeu de Gusmão", na primeira metade do século passado. Quase um século depois, surgia o segundo historiador dessa figura insigne, cujos estudos abalzádos o poriam no pedestal condigno em que deve figurar na história da conquista do ar, prólogo da conquista do espaço, Afonso d'Escagnolle Taunay. Entre esses dois autores, há notícias várias, sem maior força ou expressão, e correu mundo a figura da Passarola, mera invenção, até certo ponto caricatural, do invento famoso.

Bartolomeu Lourenço de Gusmão, clérigo secular, nasceu em 1685, na então vila de Santos, tendo vários irmãos e irmãs, que, na maioria, seguiram a carreira eclesiástica. Entre eles, Alexandre de Gusmão, dez anos mais moço, que, como auxiliar de governo do Rei D. João V, teve grande influência na demarcação das fronteiras do Brasil. Aluno dos jesuítas em Santos e na Bahia, ali deu na vista, inventando um aparelho para fazer subir água para o seminário e outro, composto por uma roda de pás, que, movido por um só homem, impelia uma embarcação. Desta última descoberta pediu e obteve privilégio extensivo a todo o Estado do Brasil, em 1706.

Nessa data, já se não achava mais d'este lado do mar, pois a "Gazeta" de Lisboa, de 1701, noticiava: "... ter chegado a Lisboa um moço prodígio, natural de Santos, desembarcado de uma das naus da última frota, e dotado de tantos talentos e de memória tão assombrosa, que se propunha, contando apenas 15 para 16 anos, recitar de cor Vergílio, Horácio, Ovídio, Quinto Cúrcio, Salústio e Sêneca, e de diante para trás declarar o nome dos autores de todos os versos antigos que lhe fôsem apresentados, glosar tôdas as poesias que lhe propusessem, explicar a obra de Aristóteles, versar qualquer ponto de filosofia, responder a tôdas as dúvidas da Sagrada Escritura, repetir de cor, para baixo e para cima, os Evangelhos dos quatro evangelistas, as Epístolas de S. Pedro e S. Jerônimo, os livros dos Salmos, dos Cantares e do Êxodo, e declarar sem hesitação quantos anos de vida teve cada um dos profetas." Excusez du peu... Os elogios ao saber do futuro padre foram muitos e os mais rasgados, de José Soares da Silva, de João Batista de Castro e de outras notabilidades da época.

Durante algum tempo apagou-se no silêncio, até que veio ao Brasil, onde se ordenou e visitou a família. Segundo uns versos de Tomás Pinto Brandão, parece que por aqui iniciou os seus trabalhos de aerostação, pois dizem os mesmos:

Os seus vãos na Bahia
Alguns princípios tiveram
Que por isso o não quiseram
Os padres da Companhia.

Em 1709, sabemos, com certeza, que se acha de novo em Lisboa, hospedado em casa do Marquês de Fontes. Com o apoio

d'este fidalgo, dirigiu a D. João V a sua Petição de Privilégio, considerada por Domingos de Barros a primeira página da aeronáutica, arquivada até hoje na Torre do Tombo. Diz nesse documento "ter descoberto um instrumento para andar pelo ar da mesma sorte que pela terra e pelo mar, com muito mais brevidade." Servirá para se descobrirem "as regiões mais vizinhas dos pólos do mundo", devendo seu uso se limitar a uma só pessoa para evitar abusos e crimes. D. João V, "para o suplicante se aplicar ao novo instrumento", fêz-lhe mercê da primeira dignidade a vagar nas colegiadas de Barcelos ou Santarém e de lente de matemática na Universidade de Coimbra. E por alvará especial lhe deu o privilégio pedido.

A notícia do invento causou sensação. Estrangeiros e diplomatas, então, em Lisboa, a isso se reportam na sua correspondência. Várias publicações européas se referiram ao inventor. Tudo leva a crer que a aeronave de Gusmão era esférica, de material leve, papel encorpado, por exemplo, ascendendo pelo emprêgo do ar aquecido. O aviso do Núncio Apostólico ao Papa diz corpo esférico de peso leve. O manuscrito do contemporâneo Salvador Antônio Ferreira declara: um globo de papel grosso. O historiador Francisco Leitão Ferreira, também contemporâneo, escreve: "Fêz a experiência em 8 de agosto de 1709, no pátio da Casa da Índia, diante de Sua Magestade e muita fidalguia e gente, com um globo, que subiu suavemente à altura da Sala das Embaixadas, e do mesmo modo desceu, elevado de certo material, que ardia, e a que applicava o fogo o mesmo inventor". São muitas as testemunhas do feito. A Princesa Elisabeth de Brunswick escrevia a 10 de agosto de 1709 à sua mãe, a Duquesa de Oettingen, que vira o navio volante de Gusmão se elevar triunfalmente nos ares. Bernardo Simões Pessoa, cônsul em Marrocos, assistiu a uma dessas experiências. Parece que houve três: a 3 de agosto de 1709, na Sala das Audiências, quando o balão se queimou; a 5, na Sala dos Embaixadores, quando subiu 20 palmos, até o teto; e a 8, no pátio da Casa da Índia, no castelo de S. Jorge, de onde o globo se elevou e foi cair no terreiro do Faço. É mais do que certo que o padre não subiu nesse balão, cujas dimensões não permitiriam elevar-se com o peso dum homem.

Alcunhado o Voador e tido e havido como mágico, o Padre Bartolomeu Lourenço fugiu às garras da Inquisição de Lisboa, refugiando-se na Espanha, em setembro de 1724. Ali veio a falecer em extrema pobreza, na cidade de Toledo, a 19 de novembro seguinte, conforme consta da partida de defuncão da Igreja de S. Romão. Morreu cristãmente, tendo confessado e comungado. A irmandade dos clérigos de S. Pedro pagou 30 reais por sua sepultura. Tinha 38 anos somente, mas se consumira em desgostos e aflições. Tinham-no acusado junto a Santa Sé de ter pacto com o diabo. A Real Academia Portuguesa, considerava que se ausentara de Lisboa sem licença, a 22 de dezembro de 1724, e preenchia a sua cadeira vaga em janeiro do ano seguinte. Depois, vieram os corvos da sua memória, tachando-o de charlatão. Custou muito fazer-se justiça ao inventor brasileiro. Bem diz D. João Montalvo que quem queira subir a escada da glória não se deve esquecer de que o infatúnio monta guarda aos degraus.



BARTOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO

Bartolomeu Lourenço de Gusmão
(1685-1724) sacerdote e inventor.



Paulista, da cidade de Santos, Bartolomeu Lourenço de Gusmão nasceu no ano de 1685. Ordenou-se sacerdote em Coimbra, cidade que o recebeu aos 15 anos de idade. Ocupando o cargo de capelão fidalgo da corte, soube do interesse do rei por um projeto de uma máquina de voar. Empenhado em realizar o desejo do soberano, Bartolomeu de Gusmão construiu o aerostato que elevou-se na atmosfera, a 5 de agosto de 1709, na cidade de Lisboa.

Outras duas tentativas foram realizadas em 8 de agosto e em outubro de 1709. Em ambas os balões incendiaram-se não conseguindo subir além dos cinco metros.

O mérito de Bartolomeu de Gusmão está no fato de ter realizado essas experiências 73 anos antes da prova dos irmãos Montgolfier.

Ficou conhecido popularmente como "O Padre Voador" e seu aparelho "Passarola", mas foi considerado feiticeiro pela Inquisição, que não o via com bons olhos.

Deixou muitas obras relacionadas com suas experiências e alguns sermões. Foi também professor de matemática na Universidade de Coimbra e Sócio da Real Academia de História Portuguesa. Fugiu para a Espanha, para escapar ao Santo Ofício que lhe havia dado ordem de prisão.

Morreu no dia 18 de novembro de 1724, na Espanha.

(Extraído de "99 Biografias de Brasileiros Notáveis" de autoria de Sebastião A Cassio Luiz, edições "Edij" S. Paulo, 1978)

BARTOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO

(O artigo abaixo é de autoria de Affonso de E. Taunay, sob o título "O Voador e a sua Inacreditável "Passarola", publicado no jornal "Correio Paulistano" de São Paulo, de 24-dezembro-1957)

Certos de que defendiam boa causa e convictos de que a famosa "Passarola" atribuída a Bartolomeu de Gusmão não descartaram os partidários dos direitos de Bartolomeu de Gusmão à prioridade aerostática.

Proseguiram as arduas e pertinazes pesquisas dos busmanólogos. E delas resultaram o achado de novos e preciosos documentos comprobatórios e sempre concordantes, de que o invento do santista era um balão de ar quente. Tais são os papéis encontrados e divulgados por Manuel Maria Rodrigues (1898), o sr. Herren e o marquês de Faria (1913), Joaquim de Carvalho (1922), Carlos Alberto Ferreira (1923), coronel Costa Veiga (1934) e por nós (1938).

De todos os documentos se deu inatacável conclusão: o aparelho de Gusmão consistia num pelonete de papel de cujo bojo se dependurava uma espécie de ramela onde havia líquido inflamável que se destinava a manter o ar confinado ao aerostato.

Estabelecido este ponto importantíssimo restava ainda a destruir a mistificação da "Passarola". E isto ocorreu já quando mais de duas décadas do século atual se tinham escoado.

Quem levantou a ponta do véu descobridor do misterio veio a ser em 1920, o erudito italiano padre Giuseppe Boffito.

Soleneamente afirmou: "a famosa "Passarola" de Gusmão, cegamente citada em todas as histórias antigas e recentes é a mais chapada falsificação da história da aeronautica e da aviação".

Apontou Boffito o documento chave da elucidação do caso mas dele não soube tirar partido, por completa ignorancia da biografia do Voador e desconhecimento absoluto da larga bibliografia gusmanica de seu tempo, portuguesa e brasileira.

Mas teve o merito de lançar na via da descoberta definitiva seu illustre compatriota, o padre Gallieu Venturini, jesuita, autor da bela memoria: "Da Icaro a Montgolfier", publicada em 1928.

Rebateu Venturini os numerosos erros de Boffito, contestando-lhe cabalmente os argumentos destruidores da importancia da invenção do Voador. E analisou largamente o documento capital alegado pelo autor das "Due falsificazioni del Settecento" ("Grimaldi-a Gusmão").

Proveem ele da segunda edição da obra de Pier Jacopo Martello, impressa em Bolonha em 1720, obra da mais extrema raridade.

Na primeira tiragem a de 1710, de seus "Versi e Prose" colocou o poeta um "Tratado del Volo" em que relatou o que se dizia do invento do Voador.

Reimprimindo o livro dez anos mais tarde suprimiu qualquer alusão ao caso e explicou o motivo da supressão.

Achando-se em Roma avistara-se com o embaixador de Portugal junto à Santa Sé, o marquês de Fontes e Abrantes, e introduzidor de Gusmão na Corte de D. João V e seu grande protetor.

Interpelando-o sobre a verossimilhança da estrambotica "Passarola", de que conhecia edições alemãs, francesas e holandesas, do embaixador ouviu a mais inesperada e curiosa revelação.

Seu filho, o conde de Penaguão, discípulo do "Matematico Brasileiro" era o "unico que este religioso admitia no recinto em que o tão esperado aparelho se construía". Para libertar-se da curiosidade dos importunos, deixara escapar aquele papel que manuscrito passando de mão em mão, saíra inopinadamente dos prelos da Alemanha, França e Holanda, havendo o jovem fidalgo e o indiano (sic) estourado de riso por causa de tal sucesso".

Era com real prazer que ele Martello, via confirmadas as suas já antigas previsões sobre a inexequibilidade, da monstruosa "Passarola", cepticismo que o levava a mandar desenhá-la, a despençar, no cabeçalho de um dos seus capitulos.

A tal "Passarola" não passava de mera brincadeira imaginada pelo conde de Penaguão para iludir os papalvos e dar o troco áqueles que já farejavam algum resultado pratico de possível apropriação do invento do santista.

Diante de tão irretorquiveis afirmações haverá quem ainda ouse tentar ressuscitar a "Passarola" e dar-lhe qualquer valor?

De toda esta historia que só se tornou após o decurso de mais de dois seculos impõe-se mais uma comprovação de quanto é perivoso brincar com a Verdade. Da pilheria mistificatoria de Penaguão e do Voador que resultou? o completo descredito do inventor e do invento. Sim, porque a "Passarola" nenhum homem de algum bom senso pôde e pode levar a serio.

Longos anos perdurará tal descredito, já tão antigo e tão arraigado. As reparações e retificações

exigem esforços e prazos incomparavelmente mais penosos e longos do que a facilidade e a brevidade da disseminação dos erros e das inverdades.

Em todo o caso a cabal reabilitação dos creditos scientificos do nosso glorioso compatriota caminha lenta mas firmemente.

Ainda, há pouco, se nos deparou nas colunas d'"O Estado de São Paulo" magnifico artigo epigráfico: A pilheria da Passarola da lavra de escritor popularissimo em toda a circunscrição paulista sob o pseudonimo pitoresco de Matias Arruda.

No habitual estilo, correntio e vivaz, escreveu o erudito sabedor da historia da conquista do ar uns tantos conceitos que não me deixam turtar-me ao prazer de os transcrever como valiosa contribuição para o exito de uma campanha pela qual muito me interesso.

Assim aqui os reproduzo, diminuidos contudo de uns tantos qualificativos ditados pela larga generosidade do articulista.

"Depois dos estudos de Affonso de E. Taunay sobre o extraordinario padre santense ninguem poderá duvidar de que a "Passarola" nunca existiu, não passou de

desenho de mau gosto, não foi alem de pilheria.

Taunay demonstra-nos, de forma cabal, que Gusmão inventou o balão a ar quente, antecipando-se aos irmãos Montgolfier. Fez provas em 1709, perante D. João V e a corte, conforme depoimentos que o historiador patricio foi catando, aqui e ali, em varios países do mundo. Ainda agora nos escreve sobre a descoberta que fez D. Berta Leite, escritora portuguesa, nos arquivos da Inquisição de Madrid, de um relato do fim-de-vida do "Voador" redigido pelo seu irmão, frade carmelita, assunto que lhe deu materia para mais um artigo publicado no "Jornal do Commercio".

Gusmão, como se vê, é ainda objeto de estudos. Já foi ultrapassada a fase em que se acreditava na "Passarola" enquanto agora são procurados novos elementos para reconstituição de outras fases de sua estranha existencia". Oportunamente voltaremos a este conto trazendo a lume curiosos casos referentes a famosissima Passarola de nefasta atuação para o descredito dos direitos do imortal santista à prioridade aerostatica universal, setenta e quatro anos da celebre experiencia dos Irmãos Montgolfier.

